

# A cultura como constituinte dos processos de discursivização

Jarbas Vargas Nascimento

## *Considerações iniciais*

Um dos consensos das teorias discursivas contemporâneas é de que as diferentes práticas sociais em circulação em nossa sociedade têm uma dimensão cultural (Hall, 1997). Hoje, graças aos avanços dos estudos discursivos e dos estudos culturais, a dimensão cultural atinge vários campos do conhecimento, haja vista aqueles que abordam novas formas de territorialidade, sujeitos com diversas motivações e múltiplas orientações, o surgimento de novas identidades, a valorização de identidades étnicas, novas modalidades educacionais, o avanço das tecnologias, entre outras. No entendimento de Hall (1997), desde o século XX, as questões culturais fundamentam discussões sobre a organização da sociedade pós-moderna, enfocando principalmente o desenvolvimento do meio ambiente global e os recursos econômicos.

Isso significa que os efeitos de sentido resultantes e materializados em eventos linguísticos constitutivos das práticas discursivas, partilhadas por inúmeros grupos sociais, devem ser apreendidos sob a ótica de questões culturais e nas condições sócio-históricas nas quais eles se inserem. Embora tenha crescido o interesse por questões culturais no interior da Linguística do Discurso e das Análises do Discurso, é preciso recuperar, apropriar e ampliar esse espaço de debate, que fora secundarizado nas investigações sobre o discurso, considerando-as, criteriosamente, como um estopim para repensar as atuais práticas discursivas.

A Linguística do Discurso e as Análises dos Discurso – não equivalentes Maingueneau (2007) –, como disciplinas intelectuais e científicas, tornam-se institucionalizadas, na medida em que adquirirem legitimidade social e epistemológica pela inserção de mecanismos que garantam a sua autonomia institucional e reivindique objetividade. Além disso, faz-se necessário que exerçam uma função crítica e que tratem das questões que envolvam a reflexão sobre o sentido das coisas e da vida. Os estudos discursivos são teoricamente embasados por três principais mecanismos: a linguagem, o sujeito e as condições culturais e sócio-históricas.

Devemos, então, conceber a cultura como uma construção histórica constitutiva do discurso, uma vez que ele não poder ser apreendido como um evento isolado da cultura, principalmente por ser um produto da história cultural dos seres humanos. O homem é um artefato cultural porque nossas ideias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais (Geertz, 1989).

Durante o século XX, o debate de questões culturais torna-se relevante, na medida em que se perceberam que a apropriação de determinados conceitos de cultura começou a influenciar a organização e a estrutura da sociedade, principalmente no que se refere ao

desenvolvimento do meio ambiente global e os recursos econômicos. *Os meios de produção, circulação e troca cultural, em particular, têm se expandido, através das tecnologias e da revolução da informação* (Hall, 1997, p. 2). Ademais, a revolução da comunicação e da informação é *um sintoma de uma revolução mais profunda, indicadora útil de uma avalanche cultural e mental que nos conduzirá, em última instância, a uma remodelação coletiva das verdades e valores básicos* (Quéau, 1998, p. 3). Essas questões nos permitem examinar o discurso que, sob esse olhar, visa a materializar as normas culturais, julgadas validadas e essenciais para uma determinada sociedade. Por isso, entendemos que a cultura reflete comportamentos, crenças, costumes, suposições e valores e, além disso, faz com que compreendamos o mundo sob a ótica de nossa cultura, que molda nossa visão da realidade, garantindo ao discurso uma função documental (Boas, 2004b).

Do ponto de vista histórico, observamos que os fenômenos culturais não são estáticos, pois se modificam, de tempo em tempo, a fim de ordenar a realidade humana e padronizar as relações entre os sujeitos em sua vida coletiva. As mudanças culturais são, por conseguinte, sempre constantes, causadas principalmente, por determinações, que interferem no desenvolvimento dos seres humanos e são marcantes nossas sociedades. Dentro desse panorama, que nos autoriza a inserir a cultura na negociação de efeitos de sentido do discurso, ela se torna indispensável às disciplinas que operam o discurso, na contemporaneidade, e deve ser assumida como uma categoria essencial, isto é, como constituinte dos processos de discursivização.

Se forem válidas nossas observações anteriores, elas nos impulsionam a admitir que a cultura integra uma problemática, que testemunha a materialização de comportamentos e conhecimentos da vida em sociedade, de modo que nos possibilita também conceber o discurso como uma institucionalização das atividades socioculturais. Na verdade, com esse entendimento, queremos confirmar que o discurso assume uma função documental na representação do

mundo e dos grupos sociais, pois que mobiliza a cultura por meio da linguagem, tornando-a um mecanismo real, ou seja, uma espécie de passagem obrigatória de acesso à realidade. Essa discussão, com ênfase na representação da cultura no discurso, propõe nos ajudar a refletir sobre nossa própria realidade humana. A cultura é, em outras palavras, capaz de objetivações, isto é, ela se manifesta em práticas da atividade social, que estão disponíveis tanto a quem a produz, quanto aos outros seres humanos, como sujeitos de um universo comum. Se avaliarmos que reconstruímos o mundo social por meio do discurso, podemos deduzir que o discurso materializa aspectos desse mundo e é um veículo de proposição de eventos culturais.

Com base nas reflexões que fizemos até aqui, nesse capítulo, examinamos a relação entre discurso e cultura, considerando o discurso um dispositivo cultural, na medida em que a cultura molda as práticas sociais, para negociar múltiplos efeitos de sentido no processo analítico. Assim como diferentes disciplinas linguísticas coexistem sob diferentes perspectivas, a Linguística do Discurso e as inúmeras abordagens das Análises do Discurso, embora com epistemologias e procedimentos metodológicos próprios (Maingueneau, 2007), elas não podem se institucionalizar, se negligenciarem a dimensão cultural das práticas sociais, seu objeto de estudo. Parece-nos que, no amplo leque de abordagens discursivas, um empenho na relevância do papel da cultura pode contribuir substancialmente para o avanço nas pesquisas sobre o discurso.

Faz-se necessário compreender, também que, no exame de diferentes gêneros de discursos, tenhamos conhecimento das condições sócio-históricas e culturais de sua produção e circulação, das quais fazem parte todos os seres humanos e tudo que nos cerca, pois a cultura específica e exprime os processos, regras, padrões, crenças e valores com os quais necessariamente o mundo se organiza. Na realidade, a cultura é essencial para a sobrevivência dos grupos sociais; por isso, todas as práticas sociais materializam uma dimensão cultural (Hall,

1977). Isso significa que a cultura longe de ser uma produção humana qualquer, ela é constitutiva dos seres humanos e de suas práticas sociais. Neste sentido, vale salientar que o discurso não deve ser considerado hermético, nem pertencente ao sujeito que o enuncia, porque nele tudo se constitui na interdiscursividade e na interculturalidade. Há nisso uma preocupação fundamental, pois que as epistemologias discursivas atuais não possuem um território interior soberano; *elas estão inteiramente e sobre uma fronteira, olhando para o interior de si, olho nos olhos do outro ou através dos olhos do outro* (Maingueneau, 2005, p. 33).

No campo dos estudos linguístico-discursivos e culturais, nosso estudo busca seu suporte teórico nas pesquisas de alguns autores, com destaque para Hall (1997), Bauman (2012), Boas (2004a, 2004b), Guilhaumou (2005). Maingueneau (2007, 2015) especificamente as discussões que fazem sobre as bases fundadoras do emprego do conceito de cultura na sua dimensão social, principalmente na sua abordagem discursiva, na qual uma das suas funções é determinar as práticas sociais, ordenar o ambiente humano e padronizar as relações entre os sujeitos. Para os objetivos desse capítulo, torna-se suficiente mencionar o papel dos fenômenos culturais como constitutivos das abordagens discursivas e reconhecermos o quanto as ideias veiculadas pelas práticas sociais integram a consciência particular e coletiva dos seres humanos. Na verdade, cultura e discurso não são apenas conceitos interligados, mas mecanismos que se entrelaçam e moldam um ao outro de maneiras complexas e dinâmicas.

Tendo em vista nossos propósitos, a primeira parte do capítulo apresenta aspectos da história da virada discursiva, enfocando, de modo particular, os avanços dos estudos discursivos e sua importância na atualidade e nas diferentes abordagens discursivas. A segunda parte faz um levantamento e discussão do conceito de cultura em diferentes autores e sua importância na epistemologia das múltiplas

abordagens das Análises do Discurso. Por fim, as considerações finais retomam a relevância de inserção da dimensão cultural nas pesquisas que abordam o discurso. Não é possível no exame de discursos em circulação em nossa sociedade, negligenciar a cultura, como categoria, pois amplia o olhar do analista, contribuindo para o desenvolvimento de sua capacidade crítico-analítica.

### *A virada discursiva e os avanços dos estudos discursivos*

Com o avanço dos estudos linguísticos, mais particularmente, com a virada discursiva, a Linguística sentiu-se abalada em suas bases epistemológicas, até então marcadas pela competência linguístico-comunicativa, que privilegiava as relações que as unidades linguísticas estabeleciam entre si. (Dubois et al., 2004). Essa tendência linguística se preocupava somente com a análise daquelas unidades, ou seja, os estudiosos se interessavam em investigar a frase e seus constituintes, destacando somente as combinações dos componentes frasais. Dentre essas abordagens de pesquisa, estão o estruturalismo e o gerativismo linguístico, propostos, respectivamente, por Saussure (1857-1913), Bloomfield (1887-1949) e Chomsky (1928).

Embora julguemos necessário traçar, de modo, no mínimo abrangente, um percurso da virada discursiva, vamos recorrer a Guilhaumou (2005), que recupera o itinerário dos historiadores do discurso e estabelece um amplo panorama da Análise do Discurso, uma disciplina de entremeios, ou seja, um campo de pesquisa situado na fronteira de várias disciplinas, sendo marcado por sua ancoragem na Linguística e na Comunicação. A partir da década de 1960, na França, pesquisadores como Michel Foucault, Jacques Lacan, Michel Pêcheux, Jean Dubois se debruçaram sobre aspectos de construção de sentidos por meio de análises de *corpora* baseados em diferentes tex-

tos. Muito embora as pesquisas desenvolvidas por esses estudiosos visassem a *corpora* diversos, um eixo comum começa a ser estruturado: a fronteira entre a materialidade linguístico-textual e a constituição sócio-histórica dos enunciados.

Segundo Guilhaumou (2005), as abordagens discursivas assumem, a partir dos anos 1990, credibilidade acadêmica, depois de ter sobrevivido às indiferenças intelectuais, que as marginalizaram nos primeiros anos de sua fundação. Entretanto, na década de 1980, sob sua liderança, Michel Pêcheux e outros pesquisadores, preocupados com a proposta inicial da Análise do Discurso de linha francesa (AD) – sua tradição francesa explica-se pelos interesses dos pesquisadores de campos muito diferentes em um mesmo objeto, o discurso –, retomam-na no sentido de demarcar melhor seu *status quo* e fixar limites de sua perspectiva de análise em relação à Linguística, à Filosofia da Linguagem, à linguística Textual, à Análise da Conversação etc.

A publicação do Dicionário de análise do discurso, de Charaudeau & Maingueneau (2002), segundo Guilhaumou (2005) estabelece, com genialidade, o panorama do campo de pesquisa da AD, pois consideram essa disciplina por meio de suas múltiplas interconexões e não no interior de um movimento unificado. Esses autores, com a publicação do Dicionário de Análise do Discurso demarcam o surgimento de uma disciplina que abandonara sua dimensão crítica inicial, a fim de estender-se ao conjunto de todas as produções verbais. Além disso, os autores do dicionário pretendem argumentar sobre a estabilização da AD, no interior das disciplinas linguísticas, cuja marginalização de seu valor crítico inicial, dera-lhe um lugar de interrogação e de experimentação. O fato de buscarmos o evento inaugural da AD, mostra-nos a importância de recuperar a fundação da AD e sua inscrição na história dos estudos discursivos. Guilhaumou (2005), de sua parte, examina, por conseguinte, o dicionário, privilegiando sua comparação, no sentido de sua complementaridade e seus limites.

Maingueneau (2015) propõe um panorama histórico da gênese dos estudos do discurso e das disciplinas que e interessam pelo discurso, sugerindo que o histórico da AD só poderia ser linear, *caso restringisse o estudo a determinadas correntes* (Maingueneau, 2015, p. 15). Assim, o que ele apresenta é um estudo crítico das condições científicas das Ciências Humanas e Estudos Culturais, bem como a Lingüística, capazes de acomodar os estudos do discurso e suas problemáticas. Trilhando por esse caminho, Maingueneau percorre caminho que distingue, inicialmente, a Linguística do Discurso e uma sua disciplina, a AD. Desse modo, revisita a AD, como um procedimento teórico-metodológico, por meio de conceitos discutidos em outros momentos de sua produção intelectual, delineia o panorama planejado e aponta a constituição de *corpora* de interesse da para a AD. Ademais, dirige-se ao relato do percurso histórico da disciplina e dos estudos do discurso, dedica-se aos espaços de manifestação do discurso e debruça-se sobre a topografia do discurso, objeto da AD. Por fim, Maingueneau justifica o desenvolvimento da disciplina, porque diferentemente da Linguística do Discurso e outras Análises do Discurso, a AD nasceu da confluência de diferentes disciplinas, que compartilhavam como ela o interesse pelo discurso.

Decerto, a AD foi observada mais como expressão utilizada por diferentes autores do que como uma disciplina. Isso se deveu ao fato de que a expressão “análise de discurso”, utilizada pela primeira vez por Zellig Harris (1952), o discurso seria uma unidade linguística constituída de frases. Seu propósito *era estabelecer padrões de recorrência dos elementos linguísticos de tal modo que podemos não saber o que o texto está dizendo, mas podemos descobrir como está dizendo* (Faraco, 2003, p. 2). Para Harris, as orientações metodológicas propostas para análises de sentença bastavam também para exame de mecanismos que vão além da frase. Com isso, segundo Faraco, Harris

*preserva o pressuposto distribucionalista dos níveis e garante uniformidade metodológica para sua proposta, o que*



*revela uma certa prudência em não multiplicar o que não precisa ser multiplicado. A Análise do/de Discurso (AD) não seria para Harris, portanto, um novo método, mas a expansão do velho método a um novo objeto, objeto que, no fundo, se distingue do velho objeto apenas na sua extensão. Continua sendo um objeto recortado no estritamente linguístico e analisado exclusivamente em sua imanência. A AD seria uma análise apenas intralinguística (Faraco, 2003, p.2).*

Assim, devemos notar que, para Harris, de um lado, o discurso seria uma unidade linguística constituída de frases, garantidas por elementos extralinguísticos. A expressão utilizada por Harris, inaugura o emprego de Análise do Discurso, em um uso muito diferente da noção de discurso que utilizamos, na atualidade. Por outro lado, para Maingueneau (2015, p. 24), o termo discurso é entendido *como nas oposições entre “discurso e frase”, “discurso e língua” e “discurso e texto”*. Desse modo, discurso é uma unidade particular carregada de efeitos de sentido e aparelhado de mecanismos linguísticos e outros externos a ele.

Embora o termo discurso esteja associado à Linguística, esse objeto, como apontamos acima, não se limita unicamente a ela, tendo sido assumido pelas Ciências Sociais, a Antropologia, a Psicologia, a Filosofia, entre outras áreas do conhecimento. Por isso, a AD se constitui pelo atravessamento de sua própria condição inter, trans e multidisciplinar, tornando sua epistemologia complexa, na medida em que dialoga com diferentes disciplinas, simultaneamente. Assim, entendemos a AD e as diferentes disciplinas, que assumem o discurso como seu objeto, com condições de inserção em suas epistemologias da dimensão cultural, pois ela se relacionam intimamente com a história para organizar as práticas sociais.

O fato de a AD se organizar com uma disciplina fronteira implica não ter *corpora* concebidos *a priori* pois, na abordagem de Main- gueneau, o *corpus* se constitui nos limites da disciplina, ou seja, não podemos afirmar que o objeto discurso, que tem dois grandes campos semânticos – o do funcionamento estrutural e o da realidade sócio-histórica – possa, ao ser examinado sob o perspectiva da Linguística, tenha o mesmo ponto de vista da Psicanálise ou da Psicologia ou dos Estudos Sociais, entre outros. A polissemia do termo discurso se funda pela/na necessidade de entendermos que os *corpora* não estão dados a nenhuma disciplina, mas são constituídos pelos analistas e formulados pelos alcances e limites das disciplinas com as quais se filiam. É muito importante acentuar que essa negociação entre constituição dos *corpora* e os limites da disciplina é exercida pelo analista do discurso, pois é ele quem assume, como condição do processo analítico, o fato de estabelecer os *corpora* por meio de fronteiras entre campos e configurá-los com base em fronteiras de outros campos do saber. Reforça o que acabamos de mencionar o que diz Johnstone, (2008, p. 20): *o material com o qual trabalha o analista do discurso é constituído de dados efetivos de discurso, que são às vezes designados como corpora.*

As implicações de ordem teórico-metodológicas como discorre Nogueira (2008) ajudam-nos a situar a AD e, por extensão as demais Análises do Discurso no espaço das investigações, que apreendem o discurso como objeto de estudo. Por isso, os estudos discursivos são uma alternativa às perspectivas nas quais essas metodologias estão inseridas, ou seja, é uma alternativa às perspectivas epistemológicas discursivas atuais. Com foco nessa abordagem, a autora postula:

*No entanto, apesar de todo este crescimento e desenvolvimento não existe uma configuração ou explicação geral sobre a forma como as teorias e os métodos da AD podem ser aplicadas. É importante referir desde já que a AD é simultane-*

*amente Teoria e Método(s). Implica uma perspectiva sobre a natureza da linguagem e da sua relação com questões centrais das ciências sociais. Mais especificamente, a AD representa um conjunto relacionado de abordagens ao discurso, que acarretam não só práticas de recolha de dados e de análise questões metodológicas, mas também um conjunto de assunções metateóricas e teóricas. Por exemplo, a recolha dos dados e a análise são uma parte vital da AD mas, por si só, não constituem a sua globalidade. Enquanto método tem semelhanças com outras abordagens qualitativas e sob o rótulo geral de AD tem-se estudado temas tão diversos como as interações quotidianas, a memória, o pensamento, as emoções assim como problemas sociais como a exclusão social, o gênero ou o racismo (Nogueira, 2008, p. 6).*

O conceito de discurso e de Análise do Discurso, em suas diferentes abordagens, têm se revelado muito produtivos no estudo e no entendimento das práticas sociais. Embora cada uma das abordagens, diferentes em muitas dimensões, tais como as condições de emergência, de circulação, as estratégias de produção ou de interpretação e, particularmente diversidades metodológicas, elas oferecem perspectivas únicas sobre como o discurso é produzido e examinado, além de todas elas impactarem a realidade social.

## *Discurso e cultura*

De início, podemos nos questionar sobre o motivo de trazer a debate a cultura e buscar integrá-la nas teorias do discurso. Não resta dúvida de que as questões culturais sempre foram necessárias à compreensão das práticas discursivas. Ainda que as ciências humanas e sociais

reconhecessem a importância da inserção da cultura em suas epistemologias, o mesmo não aconteceu abertamente nos estudos da linguagem e do discurso. De qualquer forma, a inclusão das dimensões culturais nas Análises do Discurso contribui para assegurar que todas as práticas discursivas expressam e negociam efeitos de sentido que, por consequência, se definem como espaços de significação.

Como observamos, partimos do pressuposto de que discurso e cultura estão intrinsecamente interligados, cada um moldando e sendo moldado pelo outro em um ciclo contínuo e simultâneo. A relação entre discurso e cultura aspira a um consenso mais rigoroso e responsável dos analistas do discurso. Por sua vez, nosso objetivo, nesse capítulo, não é propor uma síntese dos diferentes debates em torno da relação discurso e cultura; propomo-nos somente colocar a questão e reforçar a ideia do debate. Se há, realmente, uma intrínseca relação de concordância da interligação entre esses dois termos, há, também, uma percepção de que a cultura é constitutiva dos estudos discursivos como categoria que os integra.

O discurso é, sem contestar, um reflexo das estruturas culturais que moldam nossa sociedade. Em suas múltiplas formas – oral, escrita, visual ou digital – o discurso não apenas exterioriza informações, mas também contempla e reforça as dimensões como a linguagem, os valores, normas, rituais, costumes e posicionamentos de uma realidade social. Por isso, para compreendermos a profunda relação entre discurso e cultura, é essencial considerar que o discurso é um veículo por meio do qual a cultura se expressa e perpetua-se. Para comprovar a efetividade da relação discurso e cultura integram esse universo as diferentes práticas sociais, enunciadas, a todo momento, por seres humanos em interação com outros seres humanos e em sua relação com o mundo.

A cultura ocupa, no espaço da AD, um lugar de crítica e de negociação de efeitos de sentido que, embora vise à interação entre os interlocutores da mesma cultura, nem sempre isso se efetiva. Para

Pêcheux, o aprendizado de uma cultura é impossível, visto que *as coisas-a-saber de uma cultura são tomadas em redes de memória, dando lugar a filiações identificadoras e não a aprendizagem por interação* (Pêcheux, 2012 [1981], p. 54).

Certamente caberia avançar nesse debate e trazer para ele exemplos que confirmem posicionamentos em que a cultura interaja com os processos de discursivização; entretanto, queremos reafirmar que o discurso é moldado pela cultura em que se inscreve e está em um processo de continua modificação. Com efeito, a maneira como uma comunidade se comunica – os temas que aborda, o estilo que adota, os tabus que evita – reflete suas crenças e valores. Por exemplo, em culturas coletivistas, como muitas sociedades asiáticas, o discurso tende a enfatizar a harmonia e a interdependência, com uma comunicação, muitas vezes, mais indireta e formal. Entretanto, o discurso não é somente uma atividade verbal que envolve dois parceiros, mas é, também, uma prática social que, assumida por um sujeito, reflete e constrói relações de poder, identidades e posicionamentos ao longo da história.

Além disso, é mais realista afirmarmos que o discurso também desempenha um papel ativo na formação e transformação cultural pois, por meio das práticas sociais, são transmitidos e negociados os efeitos de sentido decorrentes de dimensões culturais. Movimentos sociais, por exemplo, frequentemente utilizam discursos para desafiar normas e promover novas visões de mundo. Neste sentido, o discurso sobre igualdade de gênero, direitos civis, sobre identidades étnicas, direitos da mulher e justiça social pode questionar e alterar práticas culturais arraigadas, refletindo e fomentando mudanças na percepção cultural.

As condições sócio-histórico-sociais também moldam o discurso. Se as práticas discursivas constituem a fonte da produção dos efeitos de sentido, o discurso é o território circunscrito e o lugar lin-

guístico onde se realizam os efeitos de sentido. Contudo, o uso da linguagem varia com base no tempo e no lugar, e o que é considerado adequado ou ofensivo pode mudar significativamente. As normas culturais relacionadas ao discurso, por vezes, evoluem, à medida que as sociedades se transformam, influenciadas por fatores como globalização, migração e avanço tecnológico. Nesse cenário, as mídias sociais, por exemplo, introduziram novas formas de discurso que transcendem fronteiras geográficas e culturais, promovendo uma interconexão global e, ao mesmo tempo, gerando novas dinâmicas linguístico-culturais.

Um ponto que colocamos em foco aqui é que a cultura, por um lado, é o conjunto de práticas, valores, crenças, costumes e normas que definem um grupo social. Ela fornece dados das condições sócio-histórico-sociais nas quais o discurso se inscreve e é moldado pelas interações enunciativas. As tradições culturais, as normas sociais e os tabus são frequentemente transmitidos e reforçados por práticas discursivas. Por exemplo, o uso de certos termos ou formas de expressão pode carregar efeitos de sentido históricos e sociais profundos, refletindo contradições ideológicas presentes na materialidade dos discursos. Além disso, o discurso pode ser um veículo para a inovação cultural. Novas formas de expressão, gírias e até mesmo novos conceitos culturais surgem pelos/nos processos de discursivização. As mudanças na organização e funcionamento do discurso podem sinalizar transformações culturais mais amplas, como a evolução dos papéis da mulher ou de atitudes em relação à diversidade de gêneros. Quando uma nova maneira de falar sobre um assunto se torna comum, isso pode sinalizar uma mudança na forma como uma cultura entende e lida com a linguagem.

Por outro lado, a cultura também molda o discurso. As normas culturais influenciam como e sobre o que interagimos. Em sociedades diferentes, o mesmo discurso pode operar diferentes efeitos de

sentido, dependendo dos valores e das expectativas culturais predominante. A maneira como as pessoas abordam temas como respeito, autoridade ou privacidade pode variar de uma cultura para outra. Em condições sócio-histórico-multiculturais ou em processos de globalização, a interação entre discurso e cultura pode se tornar especialmente complexa, embora necessária e urgente. O encontro de diferentes culturas pode trazer um intercâmbio vibrante e enriquecedor de formas de falar e compreender o mundo, mas também pode gerar esforços e mal-entendidos. Assim, adaptar o discurso para respeitar e refletir a diversidade cultural é crucial para uma interação eficaz e para a construção de relações interculturais harmônicas.

Do que antecede, podemos deduzir que o discurso e a cultura fazem parte de um processo contínuo e interativo. Enquanto o discurso reflete a cultura, também a desafia e transforma-a, contribuindo para a evolução e adaptação da cultura ao longo do tempo. A compreensão desta relação é essencial para compreender como as sociedades se interagem e desenvolvem-se, revelando as complexas possibilidades de efeitos de sentido, que sustentam nossas interações sociais e nossas identidades sociais. Pensamos, então, na tarefa das Análises do Discurso e no trabalho do analista de discurso e em seu empenho para construir dispositivos teórico-metodológicos, que levem os pesquisadores a compreender o discurso e a empreender a negociação de efeitos de sentido na relação com a cultura, com o sujeito e com a história.

Enfim, neste tópico, nosso objetivo não é fazer uma síntese dos diferentes debates em torno da interrelação discurso e cultura, mas tão somente limitamo-nos aqui a elencar alguns conceitos de cultura e propor o vínculo possível com os processos de discursivização. Para atingir esse objetivo, primeiramente, selecionamos alguns conceitos de cultura para, em seguida, buscar os elementos em que a cultura se torna constitutiva do discurso, sem que haja a possibilidade de dissociá-la, porque o discurso materializa a cultura e a cultura é traduzida

em discurso. Todavia, a escolha do conceito de cultura deriva da escolha da abordagem, do olhar do analista e, ainda, em torno das perspectivas fundadoras da abordagem, cujos enfoques teórico-metodológicos objetivam ampliar, especificar as epistemologias, enfatizando o papel constitutivo da cultura na abordagem discursiva.

Além disso, o conceito de cultura não é unânime entre os intelectuais mas, de alguma forma, cada um deles orienta a concepção de tudo que vivemos em nossa realidade social. Laraia (2003, p. 92) afirma que *cada cultura molda a seu modo o mundo que circunscreve e que essa ordenação dá um sentido cultural à aparente confusão das coisas naturais*. Vale lembrar aqui que a cultura é uma construção coletiva que se manifesta nas artes, nos costumes, nas crenças e normas sociais. Entretanto, a interação cultura e discurso acontece por meio de práticas linguageiras compartilhadas nos grupos sociais.

Parece-nos necessário, registrar um conjunto de conceitos de cultura, a fim de estabelecermos à forma de um quadro em que, de formas diferentes, as noções de cultura podem subsidiar o trabalho do analista do discurso. Por sua vez, o quadro visa a ilustrar perspectivas de vislumbrar a cultura que se desenvolveram em várias obras ao longo da história. Não sabemos, de antemão, qual o conceito de cultura seja o mais adequado às abordagens discursivas, em geral.

### *Conceitos de cultura*

Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. O desenvolvimento da humanidade está marcado por contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar dos recursos naturais e transformá-los, de conceber a realidade e expressá-la.

SANTOS, José Luiz dos Santos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1993.



<p>Cultura é aquele todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.</p> <p>TYLOR, Edward Burnett. <i>Researches into the Early History of Mankind and the Development of Civilization</i>. Second edition. London: John Murray, Albemarle Street. 1871.</p>
<p>Cultura é um sistema de símbolos e significados que organiza e dá sentido ao mundo. Ele enfatiza a importância das estruturas subjacentes nas culturas.</p> <p>LÉVI-STRAUSS, Claude. <i>Les Structures Élémentaires de la Parenté</i>. Paris : Presses Universitaires de France. 1949.</p>
<p>Cultura é vista como um sistema de valores e ideias que orienta o comportamento social e influencia a organização da sociedade.</p> <p>WEBER, Max. <i>A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo</i>. São Paulo: Pioneira, 1967.</p>
<p>Cultura é a programação coletiva da mente que distingue os membros de um grupo ou categoria de pessoas de outro. Ele também introduziu dimensões culturais como distância de poder, individualismo versus coletivismo.</p> <p>HOFSTEDE, Geert. <i>Culture's Consequences: International Differences in Work-Related Values</i>. 1982.</p>
<p>Cultura é um conjunto de significados e valores compartilhados que são criados e negociados dentro de uma sociedade. Ele distingue entre cultura como um modo de vida e cultura como uma forma artística.</p> <p>WILLIAMS, Raymond. <i>Culture and Society (1780-1950)</i>. New York: Columbia University Press. 1958.</p>
<p>Cultura é um campo de significados e práticas sociais que são continuamente produzidos e negociados. Ele também discute a cultura como um espaço de luta e resistência.</p> <p>HALL, Stuart. <i>Representation: Cultural Representations and Signifying Practices</i>. 1997.</p>

Cultura é um meio pelo qual grupos sociais dominantes exercem controle e hegemonia, influenciando as ideologias e práticas da sociedade.

GRAMSCI, Antonio. *Os Cadernos do Cárcere*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1975.

Cultura é o modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, resultado da operação de uma determinada cultura.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Cultura é todo complexo de conhecimentos, crenças, arte, leis, moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelos indivíduos.

TYLOR, Edward. *Primitive Culture*. London: Albermale, 1920.

Cultura como um fenômeno dinâmico e em constante transformação, refletindo as complexidades da sociedade moderna.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

Cultura é entendida como um sistema complexo e integrado de práticas e considera que são essenciais para a sobrevivência e o funcionamento da sociedade. Ele enfatizou a importância da função social dos elementos culturais e argumentou que cada aspecto da cultura desempenha um papel específico na satisfação das necessidades humanas.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Antropologia*. São Paulo: Ática, 1986.

Cultura é vista como um sistema simbólico complexo que organiza a vida social e econômica dos indivíduos.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Cultura é um sistema de poder e saber que molda e é moldado pelas relações de poder dentro da sociedade. Foucault explora como as práticas culturais são influenciadas por mecanismos de controle social.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense, 2004.  
FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.

Cultura que é mais bem vista não como complexos de padrões concretos de comportamento-costumes, usos, tradições, feixes de hábitos, com tem sido agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle- planos receitas, regras, instruções.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

Cultura é um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam e modificam o mundo e a si mesmas.

DA MATTA, Roberto. *Você tem cultura*. Explorações: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Esses conceitos oferecem uma visão diversificada da cultura, abordando desde as estruturas simbólicas e ideológicas até as práticas sociais e as relações de poder. Como percebemos no quadro acima, o conceito de cultura é amplo e abrange diversas facetas. Embora os autores que selecionamos tragam contribuições essenciais para os estudos do discurso, nem todos se aplicam aos exames do discurso, apesar de seus alcances e a necessidade que temos de acesso à cultura. A compreensão dos conceitos selecionados, de modo geral, ajudam-nos distinguir as múltiplas dimensões da cultura que, no certeza, são ligados entre si.

## *Considerações finais*

Em síntese, a análise da relação entre discurso e cultura revela uma interdependência crucial que molda a forma como compreendemos e interpretamos o mundo ao nosso redor. O discurso não apenas reflete as normas e valores culturais, mas também participa ativamente na construção e transformação desses mesmos valores. Essa dinâmica ressalta a importância de considerar o discurso como um fenôme-

no cultural complexo, que deve ser examinado com uma abordagem multifacetada.

A exploração dos conceitos de cultura — como identidade cultural, práticas sociais, valores normativos e representações simbólicas — oferece uma base sólida para a continuidade da pesquisa. A identidade cultural, por exemplo, destaca como o discurso pode reforçar ou desafiar o sentido de pertencimento e coesão dentro de um grupo social. As práticas sociais, por outro lado, revelam como os discursos cotidianos moldam e são moldados por hábitos e rotinas culturais. Os valores normativos e as representações simbólicas, igualmente, evidenciam o papel do discurso na negociação e perpetuação de normas e efeitos de sentido compartilhados.

Avançar na pesquisa sobre a relação entre discurso e cultura pode beneficiar-se da exploração de como diferentes contextos culturais e históricos influenciam a produção e recepção do discurso. Além disso, é crucial investigar a interação entre discursos dominantes e alternativos, e como estes últimos podem oferecer novas perspectivas e desafiar o *status quo*. A análise das mudanças culturais e a influência da globalização também são áreas promissoras que podem enriquecer nossa compreensão do papel do discurso na sociedade contemporânea.

Em conclusão, ao aprofundarmos refletirmos sobre as Análises do discurso e sua interseção com a cultura, estaremos mais bem equipados para decifrar as complexidades da comunicação humana e suas implicações sociais. O contínuo desenvolvimento dessas pesquisas não só ampliará nosso conhecimento teórico, mas também terá implicações práticas para a compreensão e intervenção em dinâmicas culturais e sociais.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOAS, Franz. *A formação da antropologia americana*. Rio de Janeiro: Contraponto: UFRJ, 2004a.
- BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004b.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- FARACO, Carlos Alberto. *Zellig Harris: 50 anos depois*. Revista Letras, Curitiba, n. 61, especial, p. 247-252, 2003. UFPR.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.
- GUILHAUMOU, Jacques. Aonde vai a análise de discurso? Em torno da noção de formação discursiva. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 8, n. 16, p. 9-42, 2005.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p. 5, 1997.
- JOHNSTONE, Barbara. *Discourse Analysis*. Oxford: Blacwell, 2008.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise do Discurso e suas fronteiras. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v.14, n.20, p.13-p.37, jan./jun. 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do Discurso*. São Paulo: Parábola, 2015.
- NOGUEIRA, Conceição. *Análise(s) do discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social*. Revista de Psicologia: Teoria e Pesquisa 24 (2), Jun 2008.

QUÉAU, Philippe. *A revolução da informação*: em busca do bem comum. Ci. Inf., Brasília, v. 27, n. 2, p. 198-205, maio/ago. 1998.

SANTOS, José Luiz dos Santos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 23, p. 5-15, 2003.